



Podem as Mulheres Fazer Ciência? Produção e Trajetória Intelectual de Paula Beiguelman

Palavras-Chave: Pensamento Social no Brasil; Estudos de Gênero; Intelectuais e Sociedade.

Autoras:

Bárbara Cunha de Melo, IFCH/UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Mariana Chaguri, IFCH/UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este estudo se ocupou de um problema controverso: a invisibilização da trajetória e da produção intelectual de mulheres nas ciências sociais tais quais produzidas no Brasil, especialmente da cientista social Paula Beiguelman (1926 - 2009), uma das mais destacadas cientistas sociais da primeira geração de bacharéis e licenciadas (1934 - 1952) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) vinculada à recém instituída Universidade de São Paulo (USP). Controverso porque a invisibilização de tais trajetórias e produções intelectuais está relacionada à sua própria visibilidade. Em outras palavras, este estudo se ocupou da produção e reprodução da desigualdade a partir da diferença de gênero, no âmbito da produção intelectual e científica; isto é, do processo de invisibilização de trajetórias traçadas e trabalhos científicos produzidos por mulheres, cuja marca da diferença compõe visivelmente o estereótipo de um sujeito que *não pode* fazer um trabalho intelectual de excelência.

Para analisar criticamente a experiência intelectual das mulheres, este estudo recorreu à compreensão dos processos históricos e sociais que dizem respeito à inscrição das mulheres nas carreiras científicas, especialmente no âmbito das ciências sociais tais quais produzidas em São Paulo, durante o período de institucionalização das ciências paulistas e da formação da primeira geração de professoras da FFCL-USP. Além disso, elegeu-se diferentes categorias de análise que se entrelaçam, e que intencionam oferecer um aporte teórico o qual corrobora a resposta para a seguinte questão: como, por meio da atividade intelectual e científica, mulheres adquirem (ou não) reconhecimento simbólico, político e conceitual? Assim, abordou-se o processo histórico e social referente à construção das carreiras científicas no Brasil, especialmente no âmbito das ciências sociais paulistas, e como as mulheres têm-se inscrito historicamente na produção desta. Também foram esmiuçadas não somente as compreensões acerca da própria categoria de experiência, mas também as categorias de diferença, gênero, desigualdade, poder, visibilidade/invisibilidade e silêncio.

Paula Beiguelman foi a única mulher a ocupar temporariamente a posição catedrática, regendo a Cadeira de Política durante o afastamento de Lourival Gomes Machado, entre 1962 e 1968. Em meados de 1968, apresentou a tese "A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos", a fim de concorrer à titularidade da Cadeira de Política, mas o endurecimento da Ditadura Militar (1964 - 1985) e as disputas contra

Fernando Henrique Cardoso, que também concorreu à titularidade da Cadeira em questão, fizeram Paula afastar-se compulsoriamente da academia (PINHEIRO, 2016). Este trabalho buscou não recair em respostas óbvias acerca da invisibilização/visibilização das trajetórias e produções intelectuais de mulheres nas ciências sociais; buscou refletir, sobretudo, a) como a desigualdade baseada na diferença de gênero organizou a produção e a trajetória intelectual da primeira geração de cientistas sociais formadas em São Paulo, em particular a produção e a trajetória de Paula Beiguelman; b) quais as condições sociais em que as obras de Paula Beiguelman foram construídas; c) como se constituíram as relações de poder que viabilizaram (ou não) a circulação das obras da autora; e, por fim d) por que as mulheres *não podem* fazer ciência.

METODOLOGIA:

As respostas sobre as questões apresentadas nas seções anteriores, não se constituíram fora dos discursos que as produziram. Tais respostas foram - e têm sido - constituídas no decorrer de um processo que articula preocupações teóricas, mas também preocupações políticas. Ao considerar a perspectiva teórica e crítica da cientista social Verónica Gago, as respostas que este estudo pretende construir decorrem de um *pensamento situado*, isto é, de uma voz teórica feminista, a qual se apresenta como perspectiva que singulariza uma experiência (GAGO, 2020). Assim, o pensamento situado e a mobilização das categorias supracitadas oferecem uma perspectiva parcial do problema de pesquisa colocado.

Deve-se ressaltar também que, além de *situar* as trajetórias de pensamento que compuseram este estudo, foi preciso *situar* o próprio sujeito-objeto em questão, isto é, a produção e a trajetória intelectual de Paula Beiguelman durante o período em que ocupou provisoriamente a cadeira de Ciência Política. Assim, além de mobilizar determinadas trajetórias de pensamento para colocar o problema de pesquisa, fez-se necessário, mais do que categorizar as experiências e descrevê-las dentro de um contexto, foi preciso esforçar-se para analisar e compreender o sujeito-objeto dentro dos processos históricos, sociais e políticos em que está inserido. Para tanto, fez-se um esforço de reconstrução da trajetória de Paula Beiguelman de maneira alinhada ao processo de institucionalização das ciências sociais paulistas, especificamente àquele decorrido na FFCL-USP, considerando os conflitos e as disputas características deste processo.

Este estudo recorreu aos seguintes materiais e métodos: i) incursão na bibliografia especializada sobre o tema da reprodução da desigualdade a partir da diferença de gênero; e ii) análise das obras e da trajetória da autora em questão, observando como ambas estiveram atravessadas pelo gênero como marcador social da diferença. Assim, em diálogo com a bibliografia sobre o tema, procura-se aprofundar a reflexão sobre o espaço intelectual e institucional de mulheres acadêmicas, observando os caminhos por elas percorridos para viabilizar e afirmar suas carreiras. Ao acompanhar tal horizonte teórico-metodológico, aponta-se para a importância do gênero na produção e reprodução das experiências intelectuais na medida em que, de acordo com a hipótese, marcaria as condições sociais de legitimação das mulheres como intelectuais.

Deve-se ressaltar que este estudo buscou não recair em análises anacrônicas e impor à trajetória e produção intelectual de Paula Beiguelman uma questão que não lhe era própria, nem constitutiva das inquietações da teoria social na época. Em outras palavras, ao analisar a consagração dos homens no âmbito acadêmico, especialmente ao longo do contexto de institucionalização das ciências sociais produzidas na FFCL-USP e da disputa em torno das cátedras, pretendeu-se explorar além da obviedade e problematizar a categoria de “gênero”, associando-a às demais categorias que pretenderam dar conta do

problema colocado por este trabalho. Além disso, deve-se ressaltar a dificuldade de narrar a experiência de uma autora que, além de estar situada em outro contexto social, político, econômico e intelectual, faleceu em 2009.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para analisar a produção e trajetória intelectual de Paula Beiguelman, dividiu-se este trabalho em seções. A seção *A institucionalização das Ciências Sociais na FFCL-USP*, consistiu no esforço de situar a produção e a trajetória de Paula Beiguelman em seu contexto histórico, social e político, no que diz respeito ao processo de institucionalização das Ciências Sociais na FFCL-USP. Para tanto, esmiuçou-se os referidos contextos no que diz respeito ao processo de fundação da FFCL-USP. Na seção *Produção e Trajetória Intelectual de Paula Beiguelman*, apresentou-se a reconstrução da trajetória intelectual da autora, assim como as suas principais preocupações teórico-metodológicas de 1952 até 1969, quando assume a posição de Primeira Assistente, regendo, provisoriamente, a mesma cadeira. Aqui, precisou-se fazer uma adaptação de objetivos específicos, devido à dificuldade de acesso à biografia, e à coerência entre o problema de pesquisa e o contexto analisado. Em seguida, nas seções *Experiência Intelectual das Mulheres e Desigualdade baseada na diferença de gênero*, será apresentado, a partir dos argumentos da autora Joan Scott, como a categoria de “experiência”, associada às categorias “visibilidade/invisibilidade” e “silêncio”, “diferença”, “gênero”, “desigualdade”, “poder”, podem ser elucidativa para compreensão do porquê mulheres *não podem* fazer ciência.

A institucionalização das Ciências Sociais na FFCL-USP: De acordo com as vertentes paulistas da literatura, a história intelectual que diz respeito às ciências sociais produzidas no Brasil teve início durante os anos 1930, especialmente com a inauguração da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em 1933, e da FFCL-USP, em 1934. Apesar das disputas políticas entre as elites dirigentes no que diz respeito aos padrões institucionais de ambas, tanto a ELSP, quanto a FFCL-USP foram instituídas a partir de um processo de modernização paulista iniciado desde o fim do século XIX, que conferiu à ambas, condições de disputar a posição dominante em relação ao processo de institucionalização das ciências sociais. Assim, a fundação da ELSP e da FFCL-USP não atendia às mobilizações populares, mas aos arranjos políticos e disputas entre as elites dirigentes da época, os quais acarretaram diferentes perfis e modelos institucionais, diferentes objetivos e diferentes conteúdos ideológicos (PINHEIRO, 2008). Para atender os fins deste estudo, será analisada especificamente o processo de institucionalização das Ciências Sociais e Políticas na FFCL-USP, onde Paula Beiguelman traçou toda a sua trajetória acadêmica.

Produção e Trajetória Intelectual de Paula Beiguelman: Filha de trabalhadores judeus emigrados da Polônia, Paula Beiguelman nasceu em 1926, em um bairro operário de Santos-SP. Segundo os dados sistematizados na tese de doutorado de Claudinei Spirandelli (2008), a autora não tinha muitos parentes e vínculos familiares no Brasil, devido à condição de imigrantes recentes. De acordo com Spirandelli, Paula Beiguelman e seu irmão caçula tiveram a infância e a adolescência restritas do ponto de vista material, devido às precárias condições econômicas da família. Contudo, a autora teve boa formação intelectual e musical, propiciada pelos familiares, além de ter cursado o Ginásio do Estado, instituição pública, na sua cidade natal, em Santos-SP, antes de deslocar-se para a cidade de São Paulo e ingressar na universidade. A autora enfrentou diversas dificuldades materiais para estudar, ingressar e permanecer na FFCL. Durante todo o período de graduação, concluída em 1945 (bacharel em Política, 1944; licenciatura em Ciências Sociais, 1945) aos 19 anos, Paula Beiguelman recebeu auxílio financeiro da universidade, cuja contrapartida foi apresentar um bom desempenho (PINHEIRO, 2016). Em meados de

1968, após o falecimento de Lourival Gomes Machado e após 16 anos ocupando a posição de Primeira Assistente, regendo de maneira provisória a Cadeira de Política, Paula Beiguelman apresentou o provimento de cátedra sobre “A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos”, a fim de concorrer à titularidade da Cadeira de Política. Contudo, o endurecimento da Ditadura Militar (1964 - 1985) e as disputas contra Fernando Henrique Cardoso que, embora não estivesse vinculado à Cadeira de Política, também concorreu à titularidade da Cadeira em questão, apresentando a tese “Política e desenvolvimento em sociedades dependentes: ideologias do empresariado argentino e brasileiro”, fizeram Paula afastar-se da Cadeira de Política e vincular-se à Cadeira de História da Civilização Brasileira (PINHEIRO, 2016).

Experiência Intelectual das Mulheres e Desigualdade baseada na diferença de gênero: No que diz respeito ao período de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e às primeiras gerações de cientistas sociais formados pela FFCL-USP, mulheres nunca ocuparam posições catedráticas. Esta hierarquia institucional restringia as mulheres acadêmicas às posições de auxiliares de ensino ou de professoras assistentes. Segundo Mariza Corrêa, além de hierárquico, o sistema de cátedras era patriarcal. Nas palavras da autora, “se os titulares da cadeira foram todos homens, as assistentes eram todas mulheres” (CORRÊA, 1995, p.: 54). A experiência intelectual de muitas mulheres é vivida a partir da insegurança, da frustração e do silenciamento. Superar as desigualdades e discriminações no âmbito acadêmico não tem sido uma tarefa fácil. Tanto a invisibilização do trabalho, quanto a interrupção e silenciamento das falas e vozes, desencorajam as mulheres a seguir uma trajetória que não foi traçada para elas, isto é, a trajetória do trabalho intelectual. Assim, as mulheres cientistas reorientam suas trajetórias pessoais e profissionais, e os papéis sociais para os quais foram socialmente educadas. As experiências vivenciadas no ensino superior contribuem para que as mulheres inventem para si e para a ciência, a partir de certas condições de produção, um destino diferente (WOOLF, 1985). No entanto, parte considerável das mulheres que se dedicam ao trabalho intelectual, não se sente socialmente segura para ingressar no meio acadêmico marcadamente masculino, pois há um ideário de que as mulheres *não podem* fazer um trabalho científico de excelência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho de Iniciação Científica partiu de inquietações acerca da experiência de mulheres no contexto acadêmico. O processo de realização da presente pesquisa, no entanto, não ofereceu todas as respostas, mas reelaborou questões que serão destrinchadas na Monografia de Conclusão de Curso da bolsista de Iniciação Científica. Por que os dominados sempre perdem? Ou, recolocando a pergunta que dá título a este trabalho, por que as mulheres *não podem* fazer ciência?

Trajетórias como a de Paula Beiguelman demonstram que as instituições de ensino superior, em particular no contexto histórico da autora, ainda que fossem lugares privilegiados, convidavam diariamente mulheres a irem embora. Por mais exitosa que tenha sido a carreira de Paula Beiguelman até a sua aposentadoria compulsória em 1968, a autora nunca voltou à USP para lecionar ou manter suas atividades como pesquisadora vinculada à Cadeira de Ciência Política. Pôde-se inferir que a autora tenha traçado outras trajetórias de sucesso que não estivessem diretamente vinculadas à atividade acadêmica. Paula foi uma das fundadoras do Sindicato dos Escritores de São Paulo e apresentou uma intensa atividade política. Moveu-se pela luta nacionalista e emancipatória, levantando bandeiras pelas eleições diretas, pela constituinte e pela anistia, contribuindo para reconstruir a Frente Parlamentar Nacionalista e compondo o Fórum Nacional de Debates,

espaço importante para elaboração de um novo projeto constitucional levado a cabo em 1988.

BIBLIOGRAFIA:

BEIGUELMAN, Paula. *Formação Política do Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

_____. *A formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). *Pioneiras da Ciência no Brasil - 7ª edição*. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/mulher-e-ciencia/pioneiras-da-ciencia-1/pioneiras-7a-edicao>

CORREA, Mariza. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

GAGO, Verónica. *A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo: Elefante Editora, 2020.

MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

PINHEIRO, Dimitri. "Jogo de Damas: Trajetória de Mulheres nas Ciências Sociais Paulistas (1934 - 1969). *Cadernos Pagu* (46), 2016. Pp.: 165-196.

_____. *Da política à ciência política, da ciência política à política: a trajetória acadêmica de Paula Beiguelman (1949-1969)*. 2008. (Dissertação de Mestrado).

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise históricas". In: *Revista Educação & Realidade*. 20 (2). Jul./Dez., 1995. Pp.: 71 - 99.

_____. "A invisibilidade da experiência" In: *Projeto História*, (16). São Paulo. 1998. Pp.: 297 - 325.

_____. "O enigma da igualdade." In: *Estudos Feministas*, 13(1): 216. Florianópolis, 2005. Pp.: 11 - 30.

_____. "Os usos e abusos do gênero" In: *Projeto História*, n. 45. São Paulo, 2012. Pp.: 327 - 351.

SPIRANDELLI, Claudinei. *Trajetórias intelectuais: professoras do curso de ciências sociais da FFCL-USP (1934-1969)*. 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18082009-122601/publico/CLAUDINEI_CARLOS_SPIRANDELLI.pdf. (Tese de Doutorado).